



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



Vol. 9 – Nº 19 - Janeiro - Junho 2014

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

**EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA, NECESSIDADES EDUCACIONAIS
ESPECIAIS (NEE) NA ESCOLA REGULAR NO MUNICÍPIO DE
GETÚLIO VARGAS - RS**

Autoras:

Emanuele Stempczynski¹
Mônica Telli Moreno da Silva²

¹ Graduada em Educação Física – Licenciatura pelo Instituto Educacional do Alto Uruguai – Faculdade IDEAU. Graduanda de Especialização em Fisiologia do Exercício pela Faculdade IDEAU.

² Graduada em Educação Física pela Universidade de Passo Fundo – UPF. Especialista em Ergonomia pela Universidade Gama Filho – UGF (RJ). Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC. Docente do Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU.

EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA, NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS (NEE) NA ESCOLA REGULAR NO MUNICÍPIO DE GETÚLIO VARGAS - RS

Resumo: A pesquisa intitulada “Educação Física Inclusiva, Necessidades Educacionais Especiais (NEE) na Escola Regular no Município de Getúlio Vargas” teve como objetivos identificar as possibilidades e dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física em incluir crianças e adolescentes com NEE nas suas aulas, além de destacar a importância da inclusão, sempre valorizando e respeitando as limitações de cada pessoa no contexto educacional. Através dos dados coletados em uma pesquisa exploratória contemplando entrevistas com professores e alunos da Rede Municipal de Ensino Regular do Município de Getúlio Vargas, podemos perceber que existem grandes obstáculos a serem enfrentados quando falamos de inclusão. Incluir não significa somente acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, mas sim o acolhimento à diversidade humana, e a aceitação das diferenças. Conviver com as diferenças é importante, pois faz com que as pessoas percebam que apesar das diferenças, todos são importantes no grande jogo da vida, e é essa diversidade que torna a vida mais atrativa.

Palavras-chave: Inclusão. Integração. Necessidades Educacionais Especiais.

Abstract: The aim of the research named “Inclusive Physical Education, Special Educational in the school of the city of Getúlio Vargas” is to identify the possibilities and difficulties that the P.E. teachers found to include children and adolescents in their classes, besides emphasizing the importance of inclusion, valorizing and respecting the limits of each person in the educational context. Through the data collected in a research that teachers and students were interviewed we realize that there are a lot of obstacles to be faced. Including does not mean only having access to the community but welcoming and accepting the human differences. Living with the differences is important considering we are all important and this diversity makes life more attractive.

Keywords: Inclusion. Integration. Special Educational Needs.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente, fala-se com frequência em inclusão de pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), tendo este assunto, uma maior abordagem pelos meios de comunicação, como jornais, revistas, livros, rádios, televisão, entre outros. Esta preocupação em relacionar o direito à inclusão na saúde, educação e cidadania, levantou várias reflexões sobre esse processo de inclusão, o qual é questionável na prática.

Quando se fala em inclusão, criam-se algumas controvérsias em relação aos professores, pais, alunos, e a comunidade em geral, pois a maioria ou quase toda a população não se encontra preparada para trabalhar com a questão da inclusão, Mantoan (2003) nos cita que professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças, especialmente em atender os alunos com deficiência, e pais de alunos “não deficientes” também acham que as escolas vão baixar a qualidade de ensino se receberem esses novos alunos.

Segundo Soler (2005) a escola deve se preparar para receber todas as diferenças, e perceber que cada ser humano é único, e é por isso nos tornamos pessoas especiais. Sendo tarefa do professor de Educação Física compatibilizar os interesses do grupo com aqueles que apresentem NEE, atendendo as características individuais de cada um.

Por isso, o presente estudo tem como objetivo destacar as possibilidades e diferenças em incluir crianças e adolescentes com NEE nas aulas de Educação Física na rede regular de ensino, além de destacar a importância da inclusão, buscando refletir sobre o papel da escola inclusiva, e de como está ocorrendo à inclusão nas mesmas, enfatizando o respeito, as diferenças e as potencialidades dos alunos.

Então, partindo dos objetivos deste trabalho optou-se pela pesquisa exploratória, que para Gil (2002), tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema. A pesquisa envolveu o levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e a compreensão dos resultados. Ela não elaborará hipóteses, somente buscará mais informações sobre o assunto estudado, tendo por finalidade familiarizar-se com o problema e obter novas concepções sobre o assunto abordado.

Dentre as cinco Escolas municipais do ensino regular do município de Getúlio Vargas, foram analisadas as quatro que possuem ensino fundamental. Foram coletados também dados dos professores, e de três alunos, dois cadeirantes e um com Distrofia Muscular de Duchenne através de entrevistas semiestruturada, a qual abordou algumas questões sobre como eles trabalham com a Inclusão em suas aulas de Educação Física, e como o aluno se sente dentro da escola, e como sujeito participante da mesma.

INTEGRAÇÃO OU INCLUSÃO?

A inclusão é uma grande oportunidade para a escola se transformar, pois a valorização excessiva dos mais hábeis em detrimento dos menos hábeis demonstra uma total falta de valores humanos nos currículos das escolas.

Segundo Sasaki (1997), podemos dividir a história para “portadores” de NEE em quatro fases distintas: fase da exclusão, de segregação, de integração, onde a escola se apresentava da mesma forma, os alunos é que tinham que se adaptar ao sistema escolar, e a fase da inclusão, que propõe um grande e único sistema educacional de qualidade para todos, sem exceção, com deficiência ou não.

Para o Ministério da Educação e Cultura - MEC (BRASIL, 2001) a educação especial é a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para pessoas com NEE. A integração escolar é o processo gradual e dinâmico que pode tomar distintas formas de acordo com as necessidades e habilidades dos alunos. Para o MEC a inclusão é garantia a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, que deve estar orientada por relações de acolhimento à diversidade humana, da aceitação das diferenças individuais, de desenvolvimento, com qualidade, em todas as dimensões da vida.

Para Sasaki (1997) a ideia da integração surgiu a partir da exclusão que as pessoas com deficiência foram submetidas por muitos séculos, e somente no final da década de 60 começou-se a integrar as pessoas com NEE nos sistemas sociais como a educação, o trabalho, a família, o lazer. Mas a integração não dava plenamente todos os direitos às pessoas com NEE, pois ela não exige nenhuma mudança na sociedade em termos de atitude, acessibilidade, práticas sociais, entre outros.

De acordo com o autor, inclusão é um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir todas as pessoas, e a prática da inclusão possui princípios como a aceitação das diferenças individuais, a valorização de cada pessoa, a convivência dentro da diversidade humana, a aprendizagem ocorre através da cooperação.

Quanto mais a sociedade adotar a inclusão, mais cedo se completará a construção de uma sociedade inclusiva e conseqüentemente uma educação inclusiva.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Quando se fala em inclusão cria-se uma grande polêmica entre pais, professores, alunos, familiares e comunidade em geral, pois a população não se encontra preparada para tal situação. Torna-se necessário que as pessoas envolvidas com o ensino debatam sobre o assunto, de modo a aguçarem a curiosidade, havendo assim maior aceitação das diferenças.

A situação tem se arrastado pelo tempo, transgredindo o direito a educação e a não discriminação, e muitas vezes, os pais, não tem um controle sobre os procedimentos das escolas para ensinar, promover e atender adequadamente a todos os alunos.

É preciso que essa concepção de inclusão seja transformada através da educação, levando os educandos a compreenderem que ninguém é mais humano que ninguém. Fazemos parte de uma diversidade sim, mas somos todos seres humanos, que em suas diferenças precisam ser compreendidos, respeitados e reconhecidos em sua subjetividade humana,

apontando as diferenças individuais como uma oportunidade para aprender e não como um problema a ser resolvido.

Embora existam problemas com a igualdade e diferença, ficamos com a firme intenção de privilegiar a diferença, para Mantoan (2008) todos temos o direito à igualdade, e temos o dever de oferecer a escola comum a todos os alunos. A grande dificuldade de incluir todos na escola é porque a multiplicidade de diferenças inviabiliza e não se enquadra na cultura de igualdade das escolas, mas o especial na educação não é conseguir assimilá-la em um quadro incluyente, onde é reproduzido um igualitarismo em que a exclusão se perpetua, sendo que a escola é quem deve se adaptar às necessidades dos alunos.

Adaptar o ensino para alguns alunos de uma turma de escola comum não conduz e não condiz com a transformação pedagógica dessas escolas, exigidas pela inclusão. A inclusão implica uma mudança de paradigma educacional, que gera uma reorganização das práticas escolares: planejamentos, formação de turmas, currículo, avaliação, gestão do processo educativo (MANTOAN, 2008, p. 37).

Os professores especializados, por sua vez, são de opinião de que o ensino escolar especializado é o ideal para os alunos com deficiências e que só em alguns casos poderiam frequentar as salas de aula de ensino regular, nas escolas comuns. Para Stainback (2006) os professores estão sendo chamados a mudar o estilo de ensino para desenvolver a interdependência de indivíduos capazes de serem autoaprendizes por toda a vida. Deveriam ser mais pró-ativos em providenciar habilidades e conhecimentos que são necessários para que cada indivíduo viva de forma produtiva sua vida, em um mundo de mudanças.

A inclusão escolar, como se percebe, não é um processo fácil e rápido. Ela representa um desafio, no âmbito da escola regular. Requer um ensino individualizado, de acordo com as capacidades de cada um, e exige que se trabalhe com as diferenças. É necessário, portanto que a escola deixe de lado o seu caráter seletivo.

Para Mantoan (2008) as escolas de qualidade não excluem nenhum aluno de suas classes, de seus programas, de suas aulas, das atividades do convívio escolar mais amplo. Tendo contextos educacionais em que todos os alunos têm possibilidades de aprender, frequentando uma mesma e única turma.

A inclusão escolar deve levar em consideração a pluralidade das culturas, a complexidade das redes de interação humana, e a ideia de que todo sujeito tem a mesma capacidade de inteligência. É a vontade que a subordina e faz com que pensemos que não há divisão de seres capazes e incapazes, e assim, a tomada de consciência parte de cada um de acordo com sua natureza intelectual.

Na perspectiva inclusiva, a deficiência de um aluno não é motivo para que o professor deixe de proporcionar-lhes o melhor das práticas de ensino, ele deve partir da capacidade de aprender, levando em consideração a pluralidade das manifestações intelectuais. Segundo Machado (2008) o professor precisa considerar que o aluno é um ser em constante mudança e que precisa de liberdade para aprender e para produzir livremente o conhecimento.

A escola inclusiva é aquela que busca construir no coletivo uma pedagogia que atenda todos os alunos e que compreenda a diversidade humana. Sartoretto (2008) acredita que precisamos abandonar o comodismo para que a inclusão realmente aconteça.

Ensinar é marcar um encontro com o outro, e a inclusão escolar provoca uma mudança de atitude diante deste outro, que deixa de ser um indivíduo qualquer, e passa a ser alguém especial que contribui com nossos avanços, e com a construção de nossa identidade.

EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

Antigamente a Educação Física era vista como uma educação excludente, visando somente o rendimento, a seleção dos mais habilidosos, valorizando o individualismo, classificando os alunos como aptos e não aptos. Segundo Mutschele (1998) os professores eram centralizadores, e a prática era uma repetição mecânica dos movimentos esportivos. Somente no final dos anos 70, a Educação Física voltou-se para a psicomotricidade, sendo primeiramente implantada nas escolas especiais, para alunos com NEE (deficiência física e mental).

O autor menciona ainda que, a psicomotricidade assegura o envolvimento da Educação Física com o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores buscando garantir a formação integral do aluno, inaugurando uma nova fase, que passava a incluir e valorizar o conhecimento de origem psicológica.

Hoje o professor de Educação Física não deve ser apenas treinador de habilidades, ele deve promover a inclusão, e valorizar a cultura corporal de movimento, fazendo com que a aula de Educação Física seja um espaço para todos. Partindo desse pressuposto, o papel do professor de Educação Física na inclusão é apresentar ao seu aluno o novo e o desconhecido, pois diante do desafio a criança tende a assimilar o conhecimento que possui. O professor deve começar sempre com uma atividade que a criança domina, e aos poucos incorporar

novos elementos, fazendo com que ela tenha que reestruturar internamente, gerando novos conhecimentos.

Para Soler (2005) a tarefa do professor de Educação Física é complexa, pois deve compatibilizar os interesses do grupo com aqueles que apresentam NEE, atendendo a individualidade de cada um. E cada vez mais a necessidade de se praticar a inclusão, está ligada a nós profissionais. Devemos então, nos apropriar de conhecimentos específicos sobre certos aspectos da deficiência e partir do conhecimento de tais aspectos, afinal, educar para a diversidade é o objetivo maior da Educação.

Em algumas deficiências, o professor de Educação Física, sendo o facilitador, deve tomar precauções, como, sempre estar atento, adequando o espaço a todos. Uma opção para a inclusão nas aulas de Educação Física é o esporte, que inclui todos os que querem jogar, participando do início até o fim.

Ensinando o esporte estaremos também ensinando valores humanos essenciais para a formação de um ser humano integral, investindo nas habilidades pessoais e de relacionamento social. Sendo outra missão do professor de Educação Física ensinar o esporte fazendo com que todos possam participar e se divertir, criando sempre as adaptações necessárias. Lembrando que não é somente as pessoas com NEE que se encontram excluídas, mas todas aquelas consideradas inaptas.

Outro ponto importante no desenvolvimento de todas as crianças é o processo avaliativo, que deve ser baseado em conceitos humanistas. A avaliação em Educação Física deve ser muito mais do que simplesmente aplicar testes padronizados, analisando somente as habilidades motoras e capacidades físicas, deve atingir todas as dimensões, como o afetivo, social e cognitivo.

Devem-se diagnosticar os níveis motor, cognitivo, social, afetivo em que se encontra cada aluno, e ir aumentando o grau de complexidade das atividades, fazendo com que o aluno sempre alcance um aprendizado novo. Também deve-se estar atento ao desenvolvimento de atitudes e aquisição de valores, como amizade, respeito, cooperação (SOLER, 2005, p. 230).

Conviver com as diferenças é importante, pois faz com que as pessoas percebam que, apesar das diferenças, todos são importantes no grande jogo da vida.

ANÁLISE DOS DADOS

Partindo do princípio que a inclusão contribui para a construção de uma nova sociedade, e que a mesma perpassa pela inclusão escolar foram entrevistados cinco professores da Rede Municipal de Ensino do Município de Getúlio Vargas, onde foram abordadas algumas questões de como a inclusão é trabalhada, se ela está ocorrendo, e como os alunos com NEE se sentem dentro do ambiente escolar, partindo destas questões obtemos as seguintes respostas.

Quando foi perguntado aos professores se a Educação Física ajuda a enfrentar as diferentes formas de preconceito todos os professores acreditam que sim, que dependendo de como a aula é planejada, com certeza ajudará, pois a Educação Física faz com que os alunos percebam o quanto cada um é importante como sujeito atuante e construtor de sua própria história, levando em conta que todos temos dificuldades. O professor 1 ressalta ainda que *“todos são seres com qualidades e ideais diferentes e é essa diversidade que torna a vida mais feliz e atrativa”*.

Nesse sentido, devemos mencionar que o trabalho com a diversidade contempla os temas transversais, que segundo os PCNs (1997) são apontados como temas de urgência no País, indicados como da realidade social, que precisam ser problematizados, criticados, refletidos e encaminhados. Eles devem ser trabalhados por todos os componentes curriculares, sendo eles: ética, meio ambiente, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual, bem como trabalho e consumo.

Já ao questionar se atualmente as diferenças estão sendo valorizadas o professor 1 acredita que como vivemos em um país com grande diversidade cultural, é necessário realizar um trabalho interdisciplinar, sempre valorizando o respeito ao outro, já os professores 3, 4 e 5 enfatizam que o professor tem que acreditar no aluno, nas suas potencialidades, pois nem todos tem a mesma capacidade, devendo valorizar os alunos pelo seu esforço e não pelas suas limitações.

Mantoan (1997) ressalta que é preciso instrumentar todos os professores para saberem trabalhar com a diversidade na sala de aula, porque a realidade não é homogênea. A garantia de sucesso para a construção da identidade de cada um ocorre através da vivência e da diversidade.

A partir disso, os professores 1, 2 e 5 também consideram que devemos conhecer o aluno e a realidade que o mesmo vive entender seus anseios, suas dúvidas, seus sonhos e medos, o professor precisa ter um bom conhecimento pedagógico, e também utilizar

metodologias diferenciadas, variando atividades, buscando novidades, além de se atualizarem, valorizando o que os alunos conseguem fazer dentro de suas limitações, sempre incentivando para que eles consigam progredir e crescer como seres humanos.

Mantoan (1997) acredita que a inclusão não trata apenas de colocar uma criança deficiente em uma sala de aula ou em uma escola. Inclusão trata a maneira de como nós lidamos com a diversidade, com a diferença, como lidamos (ou evitamos lidar) com nossa moralidade. Já Carvalho (2000) aborda a escola como espaço de formação, que diz respeito ao desenvolvimento, nos educandos, de sua capacidade crítica e reflexiva, dos sentimentos de solidariedade e de respeito às diferenças, dentre outros valores democráticos.

E quando os mesmos foram abordados sobre a questão da inclusão e da integração os professores 2, 3, 4 e 5 consideram que os alunos com NEE estão somente integrados, pois existe um processo de amadurecimento enquanto dos professores, e da escola em si. Muitos professores não sabem abordar esse aluno, falta informação, dedicação, compromisso com essas pessoas, não somente dos professores, mas sim, do poder público. Não basta querer incluí-los se falta assistência, desde bibliografias, didáticas, até infraestrutura adequada para receber esse aluno na escola, e na sociedade em si.

O professor 4 salienta ainda que, *“mesmo que o educador tenha vontade de incluir o aluno com NEE, como exemplo na escola em que trabalha, há uma grande dificuldade em incluir um cadeirante, pois não tem ginásio para a prática esportiva, tendo que se deslocar ao ginásio municipal, ai acaba ocorrendo a exclusão, pois não tem como fazer o deslocamento deste aluno cadeirante até o local”*.

Somente o professor 1 considera que esses alunos estão incluídos, mas que nem sempre a escola e os educadores conseguem auxiliar em sua plena totalidade no que realmente eles precisam, *“é preciso crescer muito, tanto em formação, como em infraestrutura para que esse alunos sejam incluídos realmente”*.

Ao questionar os professores sobre a preparação dos mesmos, todos acreditam que a maioria dos educadores não estão preparados para trabalhar com esses alunos “diferentes”, cada aluno tem um quadro clínico diferenciado, e por isso devemos entender a necessidade de cada um. O professor 2 salienta que *“há inúmeras falhas, tanto do poder público, quanto dos professores, falta pesquisa, dedicação, conhecimentos, cada professor tem que buscar informações a respeito da inclusão e de cada deficiência, devemos ser criativos, talvez a falta de amor pelo que cada um faz, também acaba impedindo o crescimento do próprio professor enquanto educador”*.

O professor 1 *“acredita que de alguma forma podemos contribuir em sua aprendizagem (aluno com NEE), mas considera que é preciso muita formação para os professores, bem como políticas públicas que auxiliem a educação, investindo em materiais e espaços adequados para cada necessidade especial”*. Conta-nos ainda, *“quando me formei, logo comecei a trabalhar, e em uma turma havia um autista (pessoa com autismo, tem pouco relacionamento social), foi então que vi como a graduação não contempla totalmente a aprendizagem, pois tive que buscar informações sobre essa necessidade, e o que eu poderia fazer para melhor auxiliá-lo, na época foi muito difícil, a escola não oferecia infraestrutura adequada para a prática das aulas, não havia monitora para auxiliar, a situação foi bem complicada. Mas ao decorrer do ano, esse aluno começou a participar das aulas, a se envolver com a turma, mas ele não apresentava os mesmos desejos que os outros, o tempo de atração por um brinquedo ou atividade era muito curto. Mas considero que isso não seja um empecilho, e sim uma oportunidade única para o meu crescimento tanto pessoal, como profissional”*.

Para Mantoan (1997), quando se amplia o universo, abrem-se perspectivas, mas sabe-se que a heterogeneidade também aumenta, alteram-se as relações de envolvimento e compromisso. Sendo assim, todos os professores tem que se atualizar, na dimensão de como lidar com o aluno que tem dificuldades de aprender. Nesta hora não se trata de um querer pessoal, uma opção, mas sim uma necessidade, uma urgência, um compromisso.

Devemos lembrar que as dificuldades se transformam em problemas na medida em que não sabemos, não queremos ou não dispomos de meios para enfrentá-las. Neste caso formam-se barreiras. Carvalho (2000) acredita que para remover as barreiras da aprendizagem é preciso pensar em todos os alunos enquanto seres em processo de crescimento e desenvolvimento e que vivenciam o ensino aprendizagem segundo suas diferenças individuais. Qualquer educando enfrentará barreiras na aprendizagem se estiverem desmotivados, se não encontrarem sentido e significado para o que lhe ensinam na escola.

Partindo deste princípio, foram entrevistados três alunos, dois cadeirantes dos quais um que tem Distrofia Muscular de Duchenne, e o outro possui paraplegia aliada a deficiência mental leve, e o terceiro tem deficiência mental leve.

A distrofia muscular de Duchenne (DMD) é um distúrbio genético ligado ao cromossomo X, que afeta principalmente indivíduos do sexo masculino. Caracteriza-se pela degeneração progressiva e irreversível da musculatura esquelética, levando a uma fraqueza muscular generalizada (DISTROFIA MUSCULAR DE DUCHENNE, 2012).

A paraplegia traduz-se na perda de controle e sensibilidade dos membros inferiores, resultante de uma lesão medular, impossibilitando o andar e dificultando permanecer sentado. Já a deficiência mental leve é um conjunto de problemas que ocorrem no cérebro e que leva seus portadores a um baixo rendimento cognitivo. Sua principal característica é a redução da capacidade intelectual (QI), situada abaixo dos padrões considerados normais para idade, se criança, ou inferiores à média da população, quando adultas. (PARAPLEGIA, 2012).

Partindo destes conceitos os alunos foram questionados sobre as aulas de Educação Física, sobre a participação e o entusiasmo, todos os alunos responderam que gostam de participar das aulas, que o professor é legal, e que sempre desenvolve atividades que todos possam participar, gostam muito de jogar futebol.

Mantoan (2003) nos cita que o sucesso da aprendizagem esta em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno. As dificuldades e limitações são reconhecidas, mas não conduzem e não restringem o processo de ensino.

Quanto à questão da acessibilidade, todos tem acesso a todas as salas, pois a escola encontra-se adaptada aos cadeirantes. Reconhecer os direitos de acessibilidade é da maior relevância, garantindo e assegurando a todos a mobilidade com autonomia e segurança.

Ao perguntar aos alunos como cada um se sente dentro do ambiente escolar, o aluno A estuda na escola desde o início do Ensino Fundamental, se dá bem com todos os colegas, mas tem alguns professores dos quais não gosta muito, se sente feliz e gosta muito da sua monitora. O aluno B também se sente feliz na escola, gosta de estudar, e acha todos os professores legais, é amigo de todos. O aluno C gosta de estudar nesta escola e gosta também de alguns professores. Enquanto transcorria a entrevista pude notar que os alunos A e C que são cadeirantes, são tímidos, quase não responderam as questões, talvez por estarem sozinhos com uma pessoa estranha não se sentiram seguros. Já o aluno B foi bem espontâneo, respondeu todas as questões com entusiasmo, e gostou muito de participar da entrevista.

Para Carvalho (2000) não se trata de negar a importância do desenvolvimento orgânico e psicológico do aluno, trata-se de não mais atribuir-lhes o papel de “vilão”, banalizando os demais fatores que interferem na prática pedagógica. A remoção de barreiras para a aprendizagem pressupõe conhecer as características do aprendiz, bem como as características do contexto no qual o processo ensino aprendizagem ocorre, e principalmente analisar as atitudes dos professores frente ao seu papel de educador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a educação inclusiva é condição essencial para continuarmos avançando. A partir desse trabalho de pesquisa concluí que, a sociedade, a escola e os educadores devem estar preparados e capacitados para poder abordar e conviver com as diferenças, pois cada ser é único. E a Educação Física trabalha esse convívio com as diferenças, envolvendo os conceitos entre ganhar e perder, entre ser habilidoso e não ser habilidoso.

E para isso a inclusão escolar exige um ensino adaptado para alguns alunos, e é aí que sente-se a diferença entre os professores que fazem seu planejamento, que valorizam as dificuldades e as diferenças, não só daqueles que possuem uma NEE, e sim de todos aqueles que se sentem excluídos pela sociedade. A escola deve ser um espaço aberto a todos, pois sendo democrática e acolhedora, estará contemplando todas as diferenças e individualidades.

As práticas educativas inclusivas exigem mobilização e argumentos que mostrem que acredita-se em um trabalho de qualidade, precisa-se estar preparado para enfrentar essa diversidade que todos têm medo. Deve-se conhecer a realidade de nossos alunos, seus medos, seus anseios, suas dúvidas, eles precisam sentir-se parte da escola e aprenderem na convivência, e nesta hora não se trata de um querer pessoal, de uma opção, mas sim uma necessidade, uma urgência e um compromisso, para com aqueles que anseiam uma educação sem fronteiras. Mas, como vimos anteriormente, os nossos alunos não estão inclusos, e sim integrados em uma educação que precisa de novos caminhos, de novos sonhos, que acredite que cada um é capaz de vencer suas dificuldades, precisamos enquanto professores dar o primeiro passo e remover essas barreiras que insistem em atrapalhar nosso “amadurecimento” educacional.

Diante disso, para se trabalhar numa perspectiva de educação inclusiva, deve-se analisar as atitudes dos professores frente ao seu papel de educador, precisa-se estar engajado em ações coletivas e colaborativas entre família, escola e governo, pois do contrário este trabalho ficará fragmentado. Para isso, faz-se necessário então, que os educadores possuam especializações adequadas, que os currículos, técnicas e recursos educativos sejam apropriados, porém o que conta muito é a conscientização e postura do educador frente às diversas realidades.

Concluí-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido, pois incluir não é apenas possibilitar o acesso da criança à escola, é preciso acolher as diferenças, levantar debates, socializar experiências e garantir a permanência desse aluno no espaço escolar propiciando o efetivo exercício da construção da cidadania.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação - **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial-MEC/SEESP, 2001.

_____, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, R. E. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem**. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

DISTROFIA MUSCULAR E DUCHENNE. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre**. 2012. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Distrofia_muscular/>. Acesso em: 26 nov. 2012.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MACHADO, R. Educação Inclusiva: revisar e refazer a cultura popular. In: MANTOAN, M. T. E.; **O Desafio das Diferenças nas Escolas**. Petrópolis: Vozes, 2008. Cap. 3, p. 69-75.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão Escolar: caminhos, descaminhos, desafios, perspectivas. In: _____. **O Desafio das Diferenças nas Escolas**. Petrópolis: Vozes, 2008. Cap. 1, p. 29-42.

_____, M. T. E. **Inclusão Escolar O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

_____, M. T. E. **A Integração de Pessoas com Deficiência**. São Paulo: Memnon/SENAC, 1997.

MUTSCHELE, M. S. **Como desenvolver a psicomotricidade**. 2ed. São Paulo: Loyola, 1998.

PARAPLEGIA. In: **Wikipédia: a enciclopédia livre**. 2012. Disponível em:< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paraplegia>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

SARTORETTO, M. L. Inclusão: da concepção à ação. In: MANTOAN, M. T. E. **O Desafio das Diferenças nas Escolas**. Petrópolis: Vozes, 2008. Cap. 3, p. 77-82.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 7 ed. Rio de Janeiro: Wva, 1997.

SOLER, R. **Educação Física Inclusiva na Escola: em busca de uma escola plural**. 2ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

STAINBACK, S. Considerações Contextuais Sistêmicas para a Educação Inclusiva. **Inclusão Revista de Educação Especial**, Brasília, v.1, n.1, p. 8-14, dez. 2006.